

Folha de S. Paulo

6/10/2005

OUTRO LADO

Empresa nega morte em razão do trabalho

Da Folha Ribeirão

A Usina São Martinho, empregadora da bóia-fria Ivanilde Veríssima dos Santos, 33, morta em julho deste ano, disse ontem que a funcionária não morreu em decorrência de excesso de trabalho.

De acordo com o diretor administrativo da usina, Nelson Marinelli, Ivanilde começou a trabalhar no dia 10 de maio e, no dia 23 do mês seguinte, pediu afastamento por causa de um ferimento no tornozelo.

"Ela sofreu o ferimento fora da empresa e do ambiente de trabalho e, depois, morreu de pancreatite aguda, no dia 4 de julho", afirmou o diretor.

Marinelli disse que a trabalhadora passou por todos os exames quando foi contratada.

Segundo nota enviada da São Martinho, a bóia-fria não disse ter nenhuma doença preexistente no exame admissional. Alterações físicas também não foram constatadas na ocasião.

"Ela não morreu por excesso de trabalho, já que estava afastada quando esse lamentável fato aconteceu. Morrer podemos morrer até rezando. Jogadores de futebol podem morrer em campo", disse o diretor.

Marinelli afirmou que a usina está amparada em laudos médicos, que serão apresentados ao Ministério Público Federal caso sejam solicitados.

A Unica (União da Agroindústria Canavieira), que representa o setor empresarial produtor de cana, açúcar e álcool no Estado de São Paulo, informou que não é papel da entidade acompanhar a relação entre capital e trabalho e que é favorável a investigações isentas e que analisem cada caso.

A reportagem não conseguiu ouvir, na tarde de ontem, representantes das usinas MB, Macatuba, Engenho Moreno, Batatais e Malosso. (MT)

(Dinheiro — Página 11)